**Cartografias na escola como linhas de fuga: como produzir espaços de respiração diante das urgências?**

Líbia Busquet – OFIP/PPGedu/FFP/UERJ

Jussara Silva Cavalcante – OFIP/PPGedu/FFP/UERJ

Sara Busquet – Coletivo Diferenças e Alteridade na Educação/PPGedu/FFP/UERJ

**Tessituras entre nós**

 No desejo de fazer reverberar o que nos toca, três professoras da Rede Municipal de Educação de Niterói, tornam os sentimentos, as sensações pós-pandêmicas em palavras, escritas que reverberam em múltiplas falas de professores que se perguntam: Como afetar o outro para que se envolva com os estudos? Como produzir espaços de respiração em tempos pandêmicos e pós-pandêmicos? No meio de tantas desinformações, desvalorização e asfixia, essas são questões que diariamente nos atravessam no chão da escola, no engajamento político e intelectual: um pouco de possível para não sufocar (DELEUZE, 1992).

 E, nas escritas de nós três, uma interseção: a cartografia, apontada como método de pesquisa, como foi sugerido por Félix Guattari e Gilles Deleuze, através dos seus estudos relativos ao acompanhamento de processos e produção de subjetividades.

 E é esta cartografia que, em nossas pesquisas, faz emergir os campos de forças nos territórios. Os autores citados no parágrafo anterior, em seu livro Mil Platôs (2013), inserem a cartografia nos princípios do conceito de rizoma, para se referir ao modo como concebem a produção de subjetividades.

 Compreendemos como mapa, o rizoma, que “é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (DELEUZE & GUATTARI, 2013, p. 30). Nestes termos e em boa companhia, é importante destacar, desde já, que abraçando tais princípios rizomáticos, apostamos em um tipo de racionalidade para além das articulações binárias de causa e efeito, em uma contraposição aos modelos considerados demonstrativos, representacionais.

 Cada autora, em seus processos de escrita na costura deste artigo, forjou vivências desde o período pandêmico, onde diversas forças e enfrentamentos nos territórios habitados com seus trabalhos, pesquisas, vidas, foram surgindo, provocando-as a problematização daquilo que as atravessava e atravessa.

 Assim, apostamos na problematização daquilo que nos atravessa no dia a dia na escola pensando na singularidade dos encontros. Produzimos - antes, durante e depois deste marco que é a Pandemia de Covid-19 - diários de pesquisa para, pensando com Barros e Passos (2009), narrar e ampliar o que nos acontece diariamente entre nós.

 Para começar esse breve passeio cartográfico por aquilo que as afetou, cabe ratificar que falam aqui de um movimento advindo desde o início da pandemia da covid. Era o final do ano de 2019, o mundo estava abalado, a Organização Mundial da Saúde (OMS) alertava sobre casos de uma pneumonia na cidade de Wuhan, na China. Da noite de 13 de março de 2020 em diante estaria a população mundial encapsulada por telas de celulares, notebooks, televisores.

**Escritas diarísticas entre as urgências**

 Com o cenário que se vivia posto, o movimento de uma das autoras surge nesta escrita, trazendo à tona memórias e implicações, recuperando anotações acumuladas em gavetas, com cadernos ou computadores, conversando com os elementos do teatro.

 E esta conversa, ratificando o que propõe Ribetto (2016), pode começar por qualquer lado, inclusive pelo meio como entrada. Seguimos, então, trazendo o início da pesquisa e escrita de uma tese que propõe uma conversa entre o teatro e a velhice, desenvolvida por uma atriz professora e pesquisadora que estava deixando a função de diretora em uma unidade de educação do município de Niterói e ingressando no doutorado na UERJ/FFP.

 Começar um doutorado naquelas condições, no início de uma pandemia a qual obrigara ao uso de máscaras, ao distanciamento social, a tarefas executadas remotamente, um pouco daquilo que foi vivido pela primeira intercessora desta escrita, forjado em um de seus diários de pesquisa.

*“Vejo em tela um grupo de pessoas, mulheres, muito bem-humoradas e na velhice e o coordenador do grupo, todos com muitos planos de continuar a oficina teatral, tão logo passe a pandemia. Propus uma conversa em outros momentos, com questões que atravessam a pesquisa e tese. As atrizes trouxeram também suas inquietações com a pandemia…um exercício de escuta se deu de ambas as margens dos nossos olhares, eu, ele e elas. Fiquei refletindo e pensando o quanto aquelas atrizes apostavam no curso de teatro como uma maneira outra de ressignificar suas vidas e ampliar seus modos de subjetivação pela existência afora e em quais linhas de fuga forjaram ao longo do seu fazer teatral, para o enfrentamento de um momento adverso como o imposto pela pandemia de covid 19“. (Escritos de diário, 2021)*

 A universidade, o Abrigo dos bondes, foram espaços possíveis onde as atrizes na velhice buscaram o desafio do novo, daquilo que as move na arte teatral. Ao ler e reler as conversas com as atrizes e o coordenador da oficina do abrigo dos bondes, questionamentos surgiram: quantos outros cursos ou oficinas voltadas à velhice temos em nossa região metropolitana e como se constituem? Quais destas pessoas da oficina conseguiram seguir no modelo remoto? Perguntas que a intercessora deste primeiro momento levou para tessitura de sua tese de doutorado.

 O foco está em tecer uma conversa outra, entre três movimentos, que segue o curso desta escrita, trazendo as problematizações de uma professora que forja sua escrita-experiência com as subjetividades “ditas” deficiências, nos encontros que acontecem por entre músicas, poesias, que foram as fiéis companheiras, nos longos meses de distanciamento social, na aposta em cuidar de vidas e um respiro para o medo e notícias ruins. A música também foi um elo que a unia ao estudante autista, acompanhado por ela e esteve presente em todos os momentos de descontração na sala de recursos, que forjando uma teia defendida por Deligny (2018, p.8), de contraposição ao utilitarismo. Em meio às artes, com modos de trabalhar acolhendo e defendendo a diferença e a alteridade (CAVALCANTE, 2022).

 A aposta é acompanhar processos com a cartografia, colocando em análise uma política de resistência ao capacitismo, que significa, em outras palavras, o preconceito e opressão ao modo de estar no mundo das pessoas com deficiência (KASTRUP, 2020, p.35). Com as medidas de distanciamento social necessárias para a afirmação da vida, tivemos o agravamento de uma educação já excludente. Como fazer uma educação inclusiva à distância? Muitos estudantes não possuem dispositivos tecnológicos. Como pensar atividades para os estudantes com deficiência, sem que tenham acesso à internet? Qual educação e qual escola queremos construir? Que subjetividades estamos ajudando a construir?

*Ando tão à flor da pele… que qualquer beijo de novela me faz chorar… uma das professoras de apoio que mora próximo ao abrigo, me ligou. Disse que passou por lá e o viu, sentado ao chão, pegando seu solzinho gostoso e ouvindo música. Ela gritou, gritou por seu nome, mas ele não olhou. Só de saber disso, chorei muito. Como será que ele está? Me vem à cabeça: “O que estamos ajudando a fazer daquilo que está sendo feito de nós?” (DOMINGUES, 2016). (Escritos de diário, 2020)*

 Medo de dentro, medo do fora, medo de tudo. Mas, a arte continuava a movimentar o corpo e os pequenos gestos surgiram como uma pedagogia da diferença, com os ensinamentos de confecções de máscaras, com materiais que tivessem em casa e um movimento coletivo de apresentação de nossos refúgios: nossas casas, nossos bichinhos de estimação, de nossas comidas prediletas, como um pouco de possível para não sufocar (DELEUZE, 1992).

 É com esse cuidado que pensamos o encontro e conversa entre nossos pares e com o outro, com modos outros de ver, de ter pequenos gestos e gestualidade mínima (SKLIAR, 2015). Entre o encontrar, forjamos outra conversa com o terceiro movimento desta escrita, problematizando as escritas diarísticas de uma professora de apoio educacional especializado da Rede Municipal de Educação de Niterói.

*Confesso que ainda estou perdida em relação a tudo isso... não sei por onde ir, por onde começar, como fazer... Produzimos de forma singular no cotidiano da escola. Cada estudante tem uma condição de vida, cada relação é única. Como produzir material sem acompanhar, sem conversar, sem estar junto? (Escritos de diário, 2020)*

 Nos encontramos em dias asfixiantes, na Rede Municipal de Educação de Niterói e em tantas outras redes, com uma ausência de políticas públicas de inclusão digital para aqueles estudantes que não tinham condições econômicas de acessarem às aulas online. A terceira professora a escrever, permaneceu angustiada em muitos momentos, pois uma das estudantes que acompanhava não tinha acesso à internet. O único celular da família era o de sua mãe, que dificilmente tem crédito para ter acesso aos dados móveis. O outro estudante que acompanhava não utilizava celular, nem notebook. Tentou por inúmeras vezes fazer chamada de vídeo, enviar áudio pelo WhatsApp, enviar mensagens pela plataforma Microsoft Teams. Não recebia retorno dele. Muitas vezes perdida, como o escrito no diário acima…, porém, a força de encontros possíveis foi recuperando o ar e, movimentando, seguir vivendo.

**Linhas de fuga possíveis**

 No meio de tanta angústia e falta de ar, urgentemente fomos cavando espaços outros de respiração deleuzianamente: um pouco de possível para não sufocar (DELEUZE, 1992). Talvez, por tentarmos apostar na caminhada nestes tempos por entre possíveis, forjamos espaços de encontro e, assim, respiração para não sufocar.

 Foi na força do encontro, naquele momento virtual e após aos poucos presencialmente, por entre os grupos de pesquisa, Coletivo Diferenças e Alteridade na Educação e Oficina de Formação Inventiva de Professoras (OFIP) da FFP/UERJ, que forjamos espaços de respiração nos nossos dias. Coletivamente, também forjamos encontros com o Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação (SEPE) - Núcleo Niterói - apostando na organização da categoria das/os/es profissionais da educação como modo de produção de vida. Sem esquecer também, como já dito anteriormente, dos nossos refúgios… dos livros, dos nossos bichinhos de estimação, dos filmes, das músicas, da arte porque, lembrando Ferreira Gullar, a vida não basta. Assim, seguimos apostando nos encontros e nos possíveis, como espaços de respiração, para não sufocar.

**Referências**

KASTRUP, Virgínia. e BARROS, Laura. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCOSSIA, L da (orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.52-75.

CAVALCANTE, Jussara Silva. Como uma onda no mar: entre olhares e escritas cartográficas de uma professora de apoio educacional especializado de uma escola pública de Niterói. UERJ, 2022. Disponível em: https://www.bdtd.uerj.br:8843/handle/1/3625. Acesso: 16 de maio, 2023.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix.  **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia***.* São Paulo, Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Conversações.** São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos.** Tradução: Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: n-1 edições, 2018.

GALLO, S. Bio(necro)política. **Textura**, v. 23, n. 53, p. 457-458, jan./mar. 2021.

KASTRUP, Virgínia; POZZANA, Laura. Encontros com a deficiência na universidade: deslocando o capacitismo em oficinas de formação inventiva. **Mnemosine**Vol.16, nº1, p. 33-52 (2020) – Parte Especial - Artigos. DOI: 10.12957/mnemosine.2020.52679. Acesso em 16 maio 2024.

MACHADO, Leila Domingues; Almeida, Paste de. Notas sobre escrever [n] uma

vida. In: CALLAI, Cristina; RIBETTO, Anelice (orgs.) **Uma escrita acadêmica outra:**

**ensaios, experiências e invenções.** 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Lamparina,

2016.